
A DIVULGAÇÃO LITERÁRIA NOS PERIÓDICOS BRASILEIROS NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX: O PIONEIRISMO DE *O CRONISTA*

Literary dissemination in Brazilian periodicals
in the first half of the 19th century: the pionnering spirit of *O Cronista*

Sabrina Baltor de Oliveira¹

RESUMO: Estudo a respeito do pioneirismo e da importância do jornal fluminense *O Cronista* na introdução do texto literário nos periódicos brasileiros. O periódico destaca-se pela publicação do primeiro conto fantástico brasileiro em suas páginas, embora durante anos a narrativa *A luva misteriosa* tenha sido considerada a primeira tradução de um texto balzaquiano no Brasil. A inauguração da seção folhetim nos moldes franceses, na parte de baixo das primeiras folhas do jornal, separada dos restantes das colunas por um grosso traço preto, ocorre no dia 5 de outubro de 1836 nas páginas de *O Cronista*. Apresenta-se levantamento e breve análise de todos os textos literários publicados nas páginas deste jornal fluminense a partir da abertura da seção folhetim até março de 1839, quando este periódico encerra suas atividades.

PALAVRAS-CHAVE: Folhetim; *O Cronista*; literatura e imprensa; conto fantástico; conto brasileiro.

ABSTRACT: A study on the pioneering spirit and the importance of the Rio de Janeiro newspaper *O Cronista* in introducing literary texts to Brazilian periodicals. The newspaper stands out for publishing the first Brazilian fantastical tale in its pages. However, for years, the narrative *A Luva Misteriosa* was considered the first translation of a Balzac text in Brazil. The inauguration of the French-style serialised fiction section, at the bottom of the first pages of the periodical, separated from the rest of the columns by a thick black line, occurred on 5 October 1836 in the pages of *O Cronista*. A survey and a brief analysis of all literary texts published in the Rio de Janeiro newspaper are presented from the opening of the serial section until March 1839, when this periodical ceased publication.

KEYWORDS: Serialised novel; *O Cronista*; literature and the press; fantastic short story; Brazilian short story.

¹ Doutora em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

1 - O PIONEIRISMO DE *O CRONISTA*²

Este artigo é, ao mesmo tempo, o resultado de uma pesquisa que é desenvolvida há quatro anos, de uma recolha de dados que permite dar uma visão panorâmica do periódico *O Cronista* a partir de todos os seus números digitalizados pela Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional e, finalmente, de uma coleta de material de pesquisa que poderá ainda ser explorada, detalhada e analisada em estudos futuros.

Diante do trabalho hercúleo de catalogar e categorizar todo o material divulgado na seção folhetim dos 274 números que se encontram digitalizados e disponibilizados de *O Cronista* e que paradoxalmente é apenas uma gota d'água no oceano das pesquisas que poderiam ser e que já foram desenvolvidas dentro da relação entre literatura e imprensa no século XIX, é natural que se questione o motivo impulsor de tal pesquisa. Em outras palavras, importa saber como justifico o pioneirismo deste jornal apontado no título deste texto.

A primeira edição de *O Cronista* data de 16 de maio de 1836, em seu início era publicado todas as segundas-feiras e possuía 8 páginas. Tal diagramação, tamanho e periodicidade permanecerão somente nos 6 primeiros números da folha. A partir da edição número 7, de 2 de julho de 1836, o periódico passará a ser publicado duas vezes por semana, aos sábados e às quartas-feiras, e passará a ter apenas 4 páginas por edição.

No entanto, as seções não se alteraram muito nesta primeira grande mudança do jornal, sobretudo a parte que nos interessa mais de perto e que consideramos ser um protótipo da seção folhetim. Desde a edição número 2, a primeira que temos acesso, uma vez que o primeiro número da folha não se encontra digitalizado na Hemeroteca, encontra-se uma seção dedicada a textos mais culturais, chamada “Parte Literária, Científica e Industrial”. Neste segmento do periódico, encontravam-se escritos sobre história, geografia, crítica literária, textos filosóficos e textos literários que, por vezes, eram publicados em apenas um número do jornal, como é o caso de “Werner: episódio da guerra de Argel” de Napoléon d’Abrantès ou em várias edições, acompanhado no final da palavra “continuar-se-á”, tal como acontece com *A luva misteriosa, conto fantástico*, texto visível e confessadamente inspirado em *La peau de Chagrin* de Balzac e muito provavelmente escrito por Justiniano José da Rocha, um dos donos e principais redatores de *O Cronista*.

Já em 1836, *O Cronista* abria suas páginas à ficção no que denomina “Parte Literária, Científica e Industrial”. Entre outros

² No original: *O Chronista*.

trabalhos, poderíamos apontar a publicação, nesse ano de 1836, de alguns contos ou novelas, como “Werner — Episódio da Guerra de Argel”, de Napoléon d’Abrantes [sic], de *A luva misteriosa — Conto Fantástico*, de uma imitação de Séjur, de *O Funeral*, que era antes uma sátira política, de um conto alemão, *Lenore*, de algumas crônicas sobre a situação do jurado e a da Guarda Nacional. Daí por diante, até o desaparecimento do jornal em 1839, não cessa mais a publicação de histórias estrangeiras, originárias de escritores da época, como Nodier, Alexandre Dumas, E. Blaze, Soulié, Achille Gallet, Eugênia Foa e outros. (LIMA SOBRINHO, 1960, p.12)

É verdade que, justamente no final da década de 20 e no início da década de 30 do século XIX, no Brasil, outros periódicos como o *Carapuceiro*, em Pernambuco, e o *Beija-Flor*, no Rio de Janeiro, também abriam espaço para acolher o texto literário, mas é com *O Cronista* que tal procedimento se consolida e se populariza, conquistando o público leitor e apontando o caminho para periódicos com maiores tiragens, com uma maior circulação e, consequentemente, maior número de leitores, como o *Jornal do Comércio* e o *Diário do Rio de Janeiro*.

O exemplo de *O Chronista* não deixaria de influir nos jornais da época, arrastando-os às preocupações literárias, que haviam conquistado os jornalistas e escritores desembarcados recentemente da Europa. O *Diário do Rio* [sic], por exemplo, meramente noticioso, cria, em novembro de 1837, uma seção intitulada “Variedades Literárias”, de duração efêmera. Transcreve escritos do *Periódico dos Pobres* e de *O Nacional* de Lisboa, assim como do *Panorama*. Aos poucos, os contos se impõem aos redatores do jornal. Os folhetins se tornam habituais, sobretudo quando se encerram as sessões do Parlamento. Também o *Jornal do Comércio* se inclina diante do gosto pela literatura. Já em começos de 1837, anuncia diversas novelas e publica, sob o título “Variedades”, alguns contos divulgados na imprensa europeia. Em 1838, sucedem-se contos, novelas e romances nas suas páginas. (LIMA SOBRINHO, 1960, p.12-13)

Além disto, tal pioneirismo e tal importância se robustecerá a partir do final de setembro de 1836, quando *O Cronista* adotará uma nova diagramação e uma nova numeração para o periódico. Reinicia sua contagem e publica uma nova edição número 1. Contudo, a maior renovação ainda

estava por vir. Ela ocorre no dia 5 de outubro de 1836, quando, através de um verdadeiro editorial que anuncia e glorifica os textos culturais e de entretenimento nos periódicos até então basicamente restritos à economia e à política, *O Cronista* introduz o formato clássico da seção folhetim na parte baixa das primeiras folhas do jornal, separada do resto das outras seções por uma grossa linha preta, segundo o modelo que os periódicos franceses exportaram para uma boa parte do mundo ocidental e que *O Cronista*, com seu exemplo de êxito, auxiliaria a expandir em terras brasileiras.

Alguns estudiosos, antes de nós, já ressaltaram o ineditismo e a relevância de *O Cronista* na introdução da seção folhetim nos jornais, tornando-o quase um elemento indispensável em todo e qualquer periódico publicado no Brasil a partir de 1836. Em *Antologia de contos românticos*, Mário Higa, responsável pela organização do volume, ao dissertar sobre a origem do conto no Brasil, destaca igualmente o papel fulcral deste periódico:

Em outubro do mesmo ano, *O Cronista* inaugura uma seção literária, veiculada regularmente nos moldes do folhetim francês. Ali, serão publicados com frequência regular contos originais, imitados ou traduzidos. A boa repercussão do folhetim entre os leitores de *O Cronista* fez com que outros periódicos seguissem a mesma fórmula. O *Jornal dos Debates* e o *Jornal do Comércio*, a partir de 1837, abrem espaço regular às variedades folhetinescas, onde a presença da narrativa de ficção curta é também frequente. Seguem o exemplo destas folhas, por essa mesma época, o *Correio das Modas* e o *Diário do Rio* [sic]. Também os periódicos de cultura, como *O Gabinete de Leitura* e *O Museu Universal*, por esse tempo, divulgam contos nacionais e estrangeiros. (HIGA, 2012, p.7-8)

Mário Higa destaca também, neste trecho, o papel da seção folhetim na maior divulgação e na maior circulação dos textos literários, incluindo, como veremos a seguir, traduções e adaptações de textos elaborados por escritores europeus, e uma espécie de gênese do conto, da novela ou da crônica concebida por escritores brasileiros, que fundiam, por muitas vezes, o fazer jornalístico com o fazer literário.

Em *Os precursores do conto no Brasil* (1960), Barbosa Lima Sobrinho também aponta a ligação incontornável entre imprensa e literatura na maior divulgação dos textos literários no Brasil na primeira metade do século XIX e, principalmente, na origem do conto brasileiro, muito associado aos periódicos, à seção folhetim e ao jornalismo. Este estudioso, do mesmo modo, frisa a inovação do *Cronista* e diferencia-o dos seus predecessores do

final da década de 20 e do início da década de 30 que igualmente já publicavam textos literários:

Deixando de lado apólogos e anedotas divulgados no jornalismo político e nos quais se dissimulavam alusões aos acontecimentos e às figuras do dia, ou histórias como *O cocheiro e o Ministro*, de *A Astrea* de 7 de outubro de 1828, podemos considerar *O Cronista* como o pioneiro do conto nacional, se entendermos que *O Carapuceiro*, de Lopes da Gama, representa menos o conto que um tipo especial, diríamos até britânico, do jornalismo literário e político. (LIMA SOBRINHO, 1960, p.16)

Assim como Higa, Barbosa Lima Sobrinho associa, neste primeiro momento, o crescimento do público leitor de produções literárias sejam elas estrangeiras ou brasileiras ao espaço que lhes é dado nos periódicos. Sobrinho chega mesmo a datar de 1836 o início de uma enxurrada de textos ficcionais de curta duração nas folhas publicadas no Brasil. Não acreditamos que a data de 1836 seja uma mera coincidência e que o marco apontado pelo estudioso seja devido não só à inauguração de *O Cronista*, mas também de sua seção folhetim no rodapé do jornal a partir de 5 de outubro de 1836. Outro elemento significativo apontado pelos dois pesquisadores é a fusão, nestes primórdios da ficção brasileira, da produção jornalística e da produção literária. Uma prova irrefutável deste amálgama é a dificuldade, encontrada não só por Sobrinho, mas também por mim ao estudar *O Cronista*, em distinguir crônicas e contos literários. Em muitas produções, é impossível discernir um e outro, restando ao pesquisador a alternativa de classificar estes textos como uma mistura dos dois gêneros. Além disto, é preciso ressaltar que a introdução do texto literário nos periódicos não só leva a um aumento do público leitor, como esse novo público passa a exigir a presença da obra de ficção nas folhas dos jornais e das revistas. E é este movimento que acreditamos ter sido iniciado com *O Cronista*, sobretudo a partir de outubro de 1836.

Registrarmos essa ampla divulgação do conto, da novela e do romance estrangeiro, no período de 1836 a 1842, para evidenciar que a ficção conquistara o gosto de nosso público e não poderia deixar, por isso mesmo de refletir-se no trabalho e na orientação de nossos escritores. Não seria de surpreender, por isso mesmo, que os contos brasileiros se misturassem com os estrangeiros, nas publicações literárias da época, pois que o conto se afigurava a todos como que uma seção jornalística,

exigida pelos leitores dos periódicos. Seria mais uma demonstração da estreita vinculação existente entre as duas atividades, a do jornalista e a do *conteur*, vinculação com que se documenta a poderosa influência do periódico na expansão e multiplicação do conto moderno, aquele que se dirige, não mais aos círculos palacianos ou a uma nobreza restrita, mas ao grande público, que se vai acumulando nas cidades de nosso tempo e, sobretudo, a essa burguesia numerosa, que as indústrias e as atividades urbanas despertam para uma missão política, a que o sufrágio universal daria o prestígio de uma supremacia, legitimada pelo voto. (LIMA SOBRINHO, 1960, p.15-16)

Em seu estudo, Barbosa Lima Sobrinho critica a história literária brasileira por restringir suas pesquisas às publicações em volume. Cita, dentre outros teóricos, Edgard Cavalheiro e Herman Lima. O primeiro defende que a origem do conto nacional data de 1841 com o lançamento de um folheto com o título de *As duas órfãs* de Norberto de Sousa e Silva. O segundo avança ainda mais no tempo e sustenta que o conto literário brasileiro surge apenas em 1880 com Machado de Assis. Sobrinho concede que, em termos de qualidade estética, talvez o conto brasileiro realmente só se inicie com Machado de Assis, mas lembra que mesmo Machado já colaborava no *Marmota Fluminense* desde 1858. Sobrinho, a partir de seus estudos sobre a relação imprensa e literatura, acaba por concluir que: “A história literária do Brasil ganharia pelo menos 10 anos, se se escrevesse tomando para referência os jornais e não os livros” (LIMA SOBRINHO, 1960, p.15).

Dos dez escritores apontados por Sobrinho como os verdadeiros precursores do conto no Brasil, três deles não só publicaram no *Cronista*, como eram seus principais redatores e donos: Justiniano José da Rocha, Firmino Rodrigues da Silva e Josino do Nascimento Silva.

Embora toda a discussão sobre a origem do conto brasileiro seja muito profícua e fascinante, o que nos interessa é identificar não um marco na história literária brasileira, mas o começo de um movimento que tornaria nos anos posteriores a 1836 a literatura nacional e estrangeira uma parte fundamental do periódico e, num caminho de mão dupla, como o espaço fornecido pelos periódicos foi fundamental para a maior circulação dos textos literários numa época em que, no Brasil, a publicação em volume ainda era incipiente. Acreditamos pelas nossas pesquisas e leituras que *O Cronista* seja realmente o iniciador deste movimento não só ao introduzir a literatura em suas páginas, como outros já tinham feito antes dele, não apenas por inaugurar a seção folhetim nos moldes dos jornais franceses, mas sobretudo

por fazer tudo isto de modo regular sem ser um periódico dedicado a assuntos literários e culturais, que nunca disfarçou, nem muito menos supriu seus temas principais que eram: política, indústria e economia.

2 - A LUVA MISTERIOSA, O PRIMEIRO CONTO FANTÁSTICO BRASILEIRO

Explicado o nosso interesse pelo *Cronista* e apontadas as razões pelas quais defendemos, acompanhados por Sobrinho e Higa, seu pioneirismo, passaremos a uma análise mais detalhada e aprofundada da presença de textos literários em suas páginas.

A primeira fase de *O Cronista* comprehende seus 6 primeiros números e vai de 16 de maio a 20 de junho de 1836. Durante este período, possuía 8 páginas e era publicado às segundas-feiras. Dos 6 números publicados, tivemos acesso pela hemeroteca a quatro. Como mencionamos anteriormente, neste primeiro ciclo, já havia no *Cronista* uma seção dedicada a textos mais culturais e educativos, chamada “Parte Literária, Científica e Industrial”, onde encontramos, a título de exemplo, uma análise literária de Victor Hugo sobre *O paraíso perdido* de Milton, estatísticas sobre o reino animal, um texto intitulado *Geografia antiga: Moisés-Homero* de Alexandre Dumas, dentre outros. Vários destes textos foram traduzidos da revista de caráter instrutivo e enciclopédico de Émile de Girardin, *Le Musée des Familles*, inaugurada em 1833, um ano depois da *Penny Magazine*, periódico inglês que iniciou este tipo de publicação que visava um público mais ampliado, uma revista familiar de divulgação de conhecimentos úteis.

Prioridade foi então dada no *Musée des Familles* e no *Magasin Universel*, surgidos os dois em 1833, como no *Magasin Pittoresque*, a um conteúdo histórico, geográfico, zoológico, botânico, literário, um tipo de complemento cultural na formação escolar que começava a se generalizar. (BACOT, 2011, p.446)

Esta seção se assemelha, no conteúdo variado que apresenta, à seção folhetim em seus primeiros anos na França. Aquela inaugurada pelo *Journal des Débats* no ano de 1800 e que duraria até esse ano mágico de 1836 em que Girardin e Dutacq revolucionaram tal rubrica cultural ao introduzir nela textos literários inéditos em série, inaugurando o romance-folhetim. Não que a crítica literária, pictural, dramatúrgica, teatral ou o texto de divulgação científica e crônica histórica desaparecessem da seção folhetim, mas inquestionavelmente o texto literário, sobretudo o romance, ganha mais protagonismo. Podemos dizer que a seção “Parte Literária,

Científica e Industrial” de *O Cronista* se assemelha a este primórdio da seção folhetim que dura de 1800 a 1836, na França. Assim como no *Cronista*, o texto literário também aparecia nesta seção. No entanto, eram textos menores e geralmente já publicados em volume anteriormente, como explica Sarah Mombert no capítulo “La fiction” do livro *La civilisation du journal: histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIX^e. siècle*:

Há uma década pelo menos antes da introdução do romance no folhetim dos jornais cotidianos em 1836, a ficção tinha seu espaço — reivindicado tanto quanto marginal — na imprensa francesa. Durante a Restauração, as revistas publicam regularmente textos da literatura ficcional, sob a forma de narrativas breves, contos e novelas, ou mais longos, como romances publicados em vários fascículos. (MOMBERT, 2011, p. 814)

No que diz respeito aos textos especificamente literários, há duas publicações: “Werner: episódio da guerra de Argel” de Napoléon d’Abrantès, na edição de número 5 do jornal, de 13 de junho de 1836, e os quatro primeiros capítulos de *A luva misteriosa, conto fantástico*, na edição de número 6, última desta primeira etapa de *O Cronista*.

O conto de Napoléon d’Abrantès ocupa praticamente cinco das oito páginas da edição de número 5 de *O Cronista*. Na busca de informações sobre o texto e seu autor, descobrimos que:

[...] sua publicação original foi em francês no periódico *Le Musée des Familles, lecture du soir*, número 37, de junho de 1835. Ele integra o segundo volume do periódico, que compreende as edições publicadas semanalmente de outubro de 1834 a setembro de 1835. Ou seja, um texto publicado originalmente na França chega ao Brasil apenas um ano depois, provavelmente traduzido por Justiniano José da Rocha, que além da profissão de jornalista, de escritor ocasional, foi um dos maiores tradutores brasileiros desta primeira metade do século XIX, como aponta Brito Broca no capítulo “O Romance-Folhetim no Brasil”, do livro *Românticos, pré-românticos e ultraromânticos: vida literária e romantismo brasileiro*. (OLIVEIRA, 2022, p. 608)

Se, por um lado, o conto *Werner: episódio da guerra de Argel* é uma tradução de Justiniano José da Rocha a partir de uma produção lançada originalmente no *Musée des Familles*, a obra *A luva misteriosa, conto*

fantástico é a primeira de muitas a se encaixar na categoria, posteriormente nomeada pelo próprio jornal, de “imitação”.

A publicação de seus quatro primeiros capítulos ocorre na edição de número 6, de 20 de junho de 1836, e é precedido por um texto que não só apresenta o conto, como também analisa o gosto literário do público brasileiro e faz uma declaração de intenções no sentido de se comprometer com o leitor no lançamento do que há de melhor na literatura moderna.

A literatura moderna é ainda assaz desconhecida entre nós, e todavia, fonte de gozos indefiníveis, devemos aproveitá-la: o triunfo da escola romântica sobre a escola clássica, tanto tempo disputado, parece ser seguro: no teatro (ao menos no teatro brasileiro) dúvida nenhuma fica de que o terrível do romantismo atrai mais do que o terrível do classicismo. — as melhores produções desta escola têm ido à cena, e têm feito dormitar, enquanto o romântico *Jogador*, os românticos *Seis degraus do crime* têm constantemente chamado numerosos espectadores. (INTRODUÇÃO, 20 jun. 1836, p. 44)

Neste texto introdutório, anuncia ainda uma mudança de estratégia do periódico: se, em edições anteriores, optou-se pela tradução de textos literários ou de trechos de obras, doravante *O Cronista* apresentaria resumos das melhores obras literárias de sua época.

Querendo vulgarizar mais as belezas da moderna literatura, há muito tempo resolvemos inserir nas colunas do CRONISTA alguns pedaços traduzidos das melhores obras que se vão multiplicando, mas, lembrando-nos que traduções sempre desmerecem dos originais, achamos melhor resumir em mais breves quadros, onde reuníssemos o que há de mais notável e elegante nas principais obras dos Hugo, Balzac, Sue, Lacroix, &c.

Esse conto fantástico de que hoje publicamos parte foi filho daquela resolução, — imitada da novela terrível de Balzac — *La peau de chagrin* — possa *A luva misteriosa* agradar aos leitores brasileiros como *La peau de chagrin* agradou aos franceses. (INTRODUÇÃO, 20 jun. 1836, p. 44)

Fica evidente, a partir deste trecho introdutório e da leitura de parte do conto, que *A luva misteriosa* não é uma tradução integral, nem mesmo a tradução de um trecho do romance balzaquiano, embora os anúncios divulgados posteriormente no próprio *Cronista* e no *Diário do Rio*

de Janeiro destaqueem o nome do escritor francês e afirmem que a obra é “retirada” de *La peau de Chagrin*, o que contribuiu para gerar uma confusão no que diz respeito sobretudo à autoria do conto. Até hoje pesquisadoras, como Norma Wimmer e Lilian Tigre Lima, consideram *A luva misteriosa* a primeira obra balzaquiana traduzida no Brasil. Por outro lado, sem negar a inspiração evidente, sobretudo no que concerne ao tema principal do conto - um objeto que concede desejos, mas que ao proporcioná-los diminui de tamanho e, com isso, também esgota parte da força vital daquele que profere o desejo - *A luva misteriosa* pode ser considerado o primeiro conto fantástico brasileiro, muito provavelmente escrito por Justiniano José da Rocha, um dos principais redatores de *O Cronista*.

Se, por um lado, o tema do romance balzaquiano e do conto de Justiniano é quase idêntico, por outro lado, as diferenças são numerosas e imensas. A primeira delas diz respeito ao tamanho das obras, *La peau de Chagrin* é um romance com mais de duzentas páginas e o conto *A luva misteriosa* preenche algumas poucas páginas de 4 números de *O Cronista*. Além de tudo, cabe ressaltar a diferença do gênero identificada pelos autores, *La peau de Chagrin* é definida por Balzac como romance e *A luva misteriosa* é um conto fantástico, como revela o próprio jornal. Na narrativa francesa, o protagonista é Raphaël de Valentin e, no conto, publicado no jornal fluminense, os personagens principais são Verneuil e Armâncio. A trama de *La peau de Chagrin* se passa em Paris, já o de *A luva misteriosa* se passa no interior da França, em uma grande propriedade rural, em que Verneuil se recolheu e conta suas desventuras ao amigo Armâncio. Mesmo o objeto mágico é diferente; no romance balzaquiano é uma pele de onagro, no conto fantástico do *Cronista* é, como revela o próprio título da obra, uma luva. No romance balzaquiano, há uma profusão de personagens, inclusive, de personagens femininas que dividem as atenções de Raphaël de Valentin: Pauline e Foedora, no conto *A luva misteriosa*, o protagonista não apresenta nenhum interesse sentimental.

No entanto, o que mais me chama a atenção na leitura das duas obras literárias é a colossal diferença de estilos. Enquanto Balzac desenvolve toda a sua narrativa através de inúmeras e encaixadas descrições, o narrador de *A luva misteriosa* faz questão de encurtá-las e destaca tal fato no próprio texto:

Quisera pintar-vos esse palácio; veríeis que tinha razão esse camponês para perder seu tempo diante dele; veríeis também que com razão o viajante lhe fizera aquela pergunta. Mas isso nos levaria muito longe, e a história que vos vou contar é interessante, por isso não percamos tempo. (LUVA, 20 jun. 1836, p. 44)

Em outro momento, a supressão da descrição pelo narrador se faz, inclusive, com um toque irônico e bem-humorado. Ele revela que tal história lhe foi repassada por sua bisavó, que tinha tal amor e obsessão pelos detalhes que o fez odiar tal recurso literário. Justiniano José da Rocha estaria assim criticando o estilo excessivamente descritivo de Balzac, ainda que tivesse prometido “imitá-lo” e apresentá-lo ao leitor brasileiro?

Gosto muito de contentar meus leitores, e por isso deveria já dizer-lhes quem é esse viajante; se vem a cavalo, de sege ou de traquitana; se é rico ou pobre; bonito ou feio; magro ou gordo; de onde vem e para onde vai. Por desgraça minha bisavó, quando me contou esta historieta, apoiou tanto em todas estas circunstâncias, que tomei-lhes tal enjoo que delas me esqueci. (LUVA, 20 jun.1836, p. 45)

Depois de elencar as semelhanças e as diferenças entre as duas obras literárias, podemos afirmar sem hesitação que *A luva misteriosa* não é uma tradução, nem mesmo um resumo de *La peau de Chagrin* de Balzac, mas o primeiro conto fantástico escrito por um escritor brasileiro, muito provavelmente por Justiniano José da Rocha, um dos principais editores e redatores do *Cronista*.

3- A INAUGURAÇÃO DA SEÇÃO FOLHETIM NO BRASIL

A partir do número 7 de 2 de julho de 1836, *O Cronista* muda seu tamanho: de 8 páginas passa a ter apenas 4. Em contrapartida, ao invés de ser publicado apenas às segundas-feiras, dispõe, nesta nova fase, de duas edições semanais, aos sábados e às quartas-feiras. Esta reforma do jornal, todavia, dura pouco, apenas 13 edições, finalizando esta etapa no número 19, de 10 de setembro de 1836.

Deste período, das 13 edições, tivemos acesso a apenas 8 números digitalizados, a maioria deles da edição de sábado. De texto literário, podemos ressaltar a continuação de *A luva misteriosa* nos números 8, 9 e 10. No entanto, a maior parte dos textos, na seção “Parte Literária, Científica e Industrial”, se ocupou de questões mais ligadas à história. Além de *A luva misteriosa*, o único texto que nos chama a atenção e vale mencionar é um artigo sobre teatro, na edição de número 16 de 20 de agosto de 1836. Nele, o editor ressalta mais uma vez a revolução que seu jornal pretende fazer no

universo dos periódicos, sobretudo no que diz respeito à inserção de textos mais ligados às produções culturais em suas páginas. O jornalista ressalta que não há, nos jornais que circulam no Rio de Janeiro, textos que comentem o que se passa em nossos teatros e novamente assume um compromisso com o assinante de *O Cronista*: realizar críticas imparciais de todas as produções encenadas no Rio de Janeiro.

Tão poderoso é o incentivo que tem sobre os homens, bárbaros ou civilizados, instruídos ou ignorantes, sensíveis ou grosseiros as representações teatrais, que grande admiração nos causa a pouca atenção que excitam no público brasileiro: ainda nenhum jornal cuidou de nossos teatros, apenas uma ou outra correspondência laudatória tem sido inserta nas colunas do *Jornal do Comércio*: por essa falta não pecará O CRONISTA, nenhuma peça nova deixaremos ir à cena sem que análise crítica faça sobressair seus defeitos e sua beleza, sua boa ou má representação. O elogio, a censura serão sempre imparciais, procuraremos fazer que sejam justos, e judiciosos. Não nos queremos erigir em Sainte-Beuves, em Janins, esses grandes críticos do teatro francês moderno, - que nos falecem a erudição, a pureza de gosto, e o talento desses literatos; mas a míngua de outro, que tome a si tamanha empresa, nós o faremos, quando uma vez fixado em base segura, o jornal que escrevemos, nos deixa contrair obrigações, que no futuro sejam desempenhadas. (TEATRO, 20 ago. 1836, p.87)

Tal promessa não tardará muito a se concretizar, pois três números depois desta edição sairá a primeira crítica teatral de *O Cronista* sobre a peça de Alexandre Dumas, *A torre de Nesle*. A segunda parte deste texto crítico abre a seção de textos culturais na edição número 1 de uma nova etapa do periódico, iniciada em 17 de setembro de 1836 e que vai até o final de 1837, compreendendo 126 números no total, dentre estes 35 não digitalizados.

Cabe esclarecer que o marco inicial desta terceira etapa é evidente, pois a publicação se reinicia com uma nova edição número 1, no entanto, para marcar o fim desta fase de *O Cronista* poderíamos ter escolhido a mudança do nome da seção folhetim que ocorre em 8 de abril de 1837 ou quando o jornal passa a ser publicado aos sábados, terças e quintas a partir de 1838; escolhemos este último marco, pois acreditamos que a mudança de nome da seção folhetim não acarretou numa mudança significativa nem do periódico, nem da própria seção responsável por acolher os textos literários.

Desta terceira etapa, destacamos sobretudo a edição número 3, de 5 de outubro de 1836, onde se inaugura a seção folhetim no Brasil, seguindo o modelo dos jornais franceses, tendo espaço próprio, singular, sendo destacado e separado do restante do jornal com uma grossa linha preta na parte inferior das primeiras páginas.

O texto de abertura é um verdadeiro editorial, quase um manifesto a favor da entrada, nos periódicos, de textos mais culturais, voltados para o aprendizado e o entretenimento. Ainda que o escrito não seja assinado, é muito provável que tenha sido elaborado por Justiniano José da Rocha, graças a seu estilo quase inconfundível e por ser dele a maior parte dos textos da seção folhetim publicados nestes primeiros meses.

É interessante notar a consciência do jornalista no que diz respeito ao fascínio exercido pela seção folhetim nos leitores de periódicos desde 1836, que lembramos ser apenas o ano inaugural, na França, do romance-folhetim.

O jornalista demonstra também grande poder de observação ao detectar que a diagramação dos jornais contribui para o destaque dado à seção folhetim nos periódicos, detalhando e repetindo a fórmula no *Cronista*. Ele descreve o olhar ansioso do leitor brasileiro, conhecedor da língua francesa, que, ao ter acesso a um periódico vindo da França, procura avidamente no final da página o querido folhetim. Saliento também o enorme destaque dado no corpo do texto à palavra “Feuilleton”, escrita em francês, em negrito e em maiúsculas, com obviamente o objetivo de chamar a atenção do leitor e de tornar o texto um marco, não só de seu periódico, mas da imprensa brasileira:

Se por ventura, amigo leitor, entendeis a língua francesa, quando vos vem à mão algum periódico francês, quando ansioso desdobrais suas extensas páginas, sede ingênuo, confessai, para onde primeiro dirigfeis vossos olhos? Por nós vos julgamos (e este é o melhor meio de quase sempre acertar nos juízos, que dos outros fazemos), haveis de necessariamente com um rápido lanço de olhos abranger todas as colunas de alto a baixo... se nada interrompeu seu raio visual; como que esperáveis achar coisa que não achaste, mostrai-vos meio triste, ledes à pressa essas monstruosas colunas para poderdes, abrindo outro número, ver se sereis mais feliz. Pois bem, nesse outro número, quase em fim da página, um grande traço negro mais carregado interrompe vossa vista indagadora, por baixo desse traço, letras maiúsculas que dizem FEUILLETON

aparecem radiantes, fascinadoras, feiticeiras. Então dais um suspiro de contentamento, — vosso predileto FEUILLETON é posto de parte, é mimosamente reservado para ser lido com vagar, para ser saboreado com contento, para servir de sobremesa a vosso banquete de leitura. (TEXTO, 5 out. 1836, p. 9)

A consciência da popularidade crescente do folhetim na França demonstrada pelo jornalista é espantosa. Ele observa que a seção é capaz de conquistar um número cada vez maior de leitores sem distinção de gênero, de idade ou de classe social: da moça ao jovem estudioso, do rico ao pobre, do desocupado ao trabalhador. Tal discernimento motiva-o a tentar transplantar, segundo suas próprias palavras, o folhetim para a imprensa brasileira.

FEUILLETON, abençoada invenção da literatura periódica, filho mimoso de brilhante imaginação, que trajas ricas galas, que te cobres de joias preciosas, tu, que distrais a virgem de seus melancólicos pesares, o jovem estudioso de seus enfadonhos livros, o rico negociante de seus cálculos dinheirosos, o desocupado proprietário do seu descanso insípido, o ardente ambicioso de seus planos ilusórios, tu que fazes esquecer o trabalho ao pobre, tu que fazes esquecer o ócio ao rico, permite, oh, permite, duende da civilização moderna, que nosso proselitismo te procure sectários em nosso Brasil [...]

[...] é com nossa mão grosseira, com nosso tosco engenho que te queremos transplantar para o abençoado solo de nossa pátria [...] Sim, amigo leitor, vai O CRONISTA dar-vos FEUILLETON não que seus redatores queiram correr parelhas com os Jules Janins, e quantos escritores de primeira ordem mandam artigos dessa espécie para os jornais franceses [...] quando para nossos artigos faltar-nos assunto, ou imaginação, ou erudição precisa, imploraremos socorro; literaturas estrangeiras, alheias imaginações, abrir-nos-ão os tesouros de suas riquezas, e de qualquer modo sempre desempenharemos nossa promessa. (TEXTO, 5 out. 1836, p. 9-10)

O texto continua com a dúvida compartilhada pelo jornalista a respeito de como deveria traduzir a palavra francesa *feuilleton*, ele pensa primeiramente folhetão, depois folhazinha, para imediatamente descartar as

duas e adotar simplesmente a palavra “folha”, explicando ao leitor que segundo o assunto retratado na seção, a palavra folha receberia um adjetivo que a caracterizaria: folha literária, folha histórica, folha dramática, folha crítica, folha artística e assim por diante.

A conclusão deste verdadeiro editorial não deixa de ser mais brilhante do que o seu início. Mais uma vez, o editor de *O Cronista* parece ter plena lucidez ao afirmar que a leitura por prazer é uma das grandes conquistas e uma das grandes necessidades do século. Nota que o jornal continuará a abordar os assuntos da vida prática: economia, indústria, política, mas que esta seção, em particular, será o momento de descanso, de entretenimento, de desenvolvimento intelectual e espiritual do leitor de periódicos:

Ocupe-se o resto do periódico com administração, com política, com justiça, com legislatura, com finanças, indústria, comércio, com todos esses assuntos de grande importância na verdade, mas que só dizem respeito ao material da vida, ao positivo da existência; o domínio de nossas FOLHAS é todo intelectual, elas falarão às imaginações, e às inteligências. Nos areais da Líbia a natureza dispôs viçosos oásis, pelos quais anela, nos quais descansa o viajante: possam nossos artigos serem os oásis nos quais descanse o espírito do leitor. Fazer aparecer em nossa população a primeira necessidade da civilização moderna — o desejo de ler — dar-lhe incremento, e fomentá-lo, oferecer leitura que distraia das lidas da existência, das amofinações dos trabalhos, dos tédios da inoculação, eis o que temos em vista, eis o que esperamos conseguir. (TEXTO, 5 out. 1836, p.10)

4 - O TEXTO LITERÁRIO NA SEÇÃO FOLHETIM DE *O CRONISTA*: RECOLHA, ORGANIZAÇÃO DE DADOS, UMA ANÁLISE PRELIMINAR E TEMAS DE INVESTIGAÇÃO

O material que obtivemos da seção folhetim até abril de 1839 é imenso. Seria impossível analisá-lo exaustivamente devido às restrições de números de página a que este artigo deve obedecer. Por este motivo, apresentamos uma tabela com os textos literários publicados nesta seção, a partir da inauguração da seção folhetim nos moldes dos jornais franceses, excluindo as produções que consideramos apenas crônicas.

Vale destacar que na edição de número 52, em 8 de abril de 1837, as folhas, nome dado por Justiniano à seção folhetim, passam a se chamar “Apêndice”.

Título	Autoria	Tipo textual	Número do periódico	Data
Folha Literária: discussão, disputa	Anônimo	Imitado de Ségur	5	12 out. 1836
Folha Literária: O funeral	Anônimo	Conto moral	7	19 out. 1836
Folha Literária: Lenore	Anônimo	Tradução de Justiniano José da Rocha a partir da tradução francesa em prosa de Gérard de Nerval (1830) do poema alemão de Bürger (1774)	9	26 out. 1836
Folha Histórica: Última Conversação (1259)	S.Henry Berthoud	Conto histórico	11	2 nov. 1836
Folha Literária: A vítima da ambição	Anônimo?	Conto? Novela?	21, 22 ...	7 e 10 dez. 1836 (...)
Folha Literária: Um enforcado – o carrasco	N.S (Josino do Nascimento Silva)	Mistura de conto e crônica	41	25 fev. 1837
Folha Literária: Lidivina	Charles Nodier	Tradução livre	40 (não digitalizada), 41	4 e 8 mar. 1837
Folha Literária: O Cego de Clermont	Não há indicação de autoria, mas	Conto	45, 46 e 47	11, 15 e 18 mar. 1837

	descobrimos que é um texto de Eugénie Foa			
Folha Literária: A Freira	N.S. (Josino do Nascimento Silva)	Conto	48	22 mar. 1837
Folha Literária: A vítima	Anônimo	Conto traduzido	50 e 51	1 e 5 abr. 1837
Apêndice: O parricida	R. (Muito provavelmente Justiniano José da Rocha)	Conto	52	8 abr. 1837
Apêndice: Reabilitemos o jogo	R. (Muito provavelmente Justiniano José da Rocha)	Mistura de conto e crônica	55	19 abr. 1837
Apêndice: A bela encantada	Autor alemão	Tradução? Imitação? “(extraído de um autor alemão)”	56	22 abr. 1837
Apêndice: As inocentes criancinhas	Anônimo	Conto	57	26 abr. 1837
Apêndice: Fui ao baile	N.S. (Josino do Nascimento Silva)	Mistura de conto e crônica	58	29 abr. 1837
Apêndice: As almas do outro mundo	N.S. (Josino do Nascimento Silva)	Conto	59	3 mai. 1837

	to Silva)			
Apêndice: Singenbalt	R. (Muito provavelmente Justiniano José da Rocha)	Conto	64	20 mai. 1837
Apêndice: Gretna Green ou o amor de um homem	N.S. (Josino do Nascimento Silva)	Conto (que de forma curiosa muitos estudiosos atribuem à Justiniano)	82	26 jul. 1837
Apêndice: O amor materno	Anônimo	Conto? Novela?	84, 85 e 86	2, 5 e 9 ago. 1837
Apêndice: Sou escritor dramático	N.S. (Josino do Nascimento Silva)	Mistura de conto e crônica	88	16 ago. 1837
Apêndice: Noivo de Além-Túmulo	Anônimo (extraído do periódico literário Gabinete de Leitura) 3ºconto do Semeador (?)	Conto	91, 92 e 94	26 e 30 ago. e 6 de set. 1837
Apêndice: Discussão - enterro	Anônimo	Mistura de conto e crônica	100	26 set. 1837
Apêndice: Discussão, e rusga	Anônimo	Mistura de conto e crônica	101	30 set. 1837
Apêndice: Querer é poder	Anônimo	Conto	102, 103 e 104	4, 7 e 11 out. 1837

Apêndice: História Espanhola	Anônimo	Conto traduzido	105, 107, 108 e 109	14, 21, 24 e 28 out. 1837
Apêndice: As Distrações	F. R. da S. (Firmino Rodrigues da Silva)	Mistura de conto e crônica	127	4 jan. 1838
Apêndice: Um sonho	J.J.R. (Justinian o José da Rocha)	Conto	129	11 jan. 1838
Apêndice: Costumes Brasileiros: Os três desejos	F.R. da S. (Firmino Rodrigues da Silva)	Conto	130	13 jan. 1838
Apêndice: O Francelho Valentão	Anônimo	Conto	132	18 jan. 1838
Apêndice: Crônicas brasileiras: Mariana Pinto	F.R. da S. (Firmino Rodrigues da Silva)	Mistura de crônica e conto	139	5 fev. 1838
Apêndice: A prenda de Casamento	N.S. (Josino do Nascimento Silva)	Conto (Imitação)	141	10 fev. 1838
Apêndice: O deão de Santiago	Dom João Manuel de Castela	Conto extraído do livro “Conde de Lucanor”	145	20 fev. 1838
Apêndice: A desgraça de ser bonito	Anônimo	Mistura de crônica e conto	146	22 fev. 1838
Apêndice: O zombi pintor ou o Mulato de Murillo	Eugénie Foa	Conto	155	15 mar. 1838
Apêndice: A pena preta	N.S. (Josino do	Mistura de conto e crônica	161	29 mar. 1838

	Nascimen to Silva)			
Apêndice: Poesias Brasileiras	Anônimo	Poesias (Extraídas do “Gabinete de Leitura”)	162	31 mar. 1838
Apêndice: O botão de ferro	N.S. (Josino do Nascimen to Silva)	Mistura de crônica e conto	169	17 abr. 1838
Apêndice: Terror Pânico	Anônimo	Conto (imitado)	171	24 abr. 1838
Apêndice: Sim e não	?	Conto (metade digitalizado, somente duas páginas do jornal)	186	31 mai. 1838
Apêndice: O incendiário	Appert	Conto	187	2 jun. 1838
Apêndice: Uma atriz em viagem	E.G.	Conto	188	5 jun. 1838
Apêndice: Costumes Brasileiros: A família desgraçada	P....	Conto	189	7 jun. 1838
Apêndice: Cherubino e Celestini	Alexandre Dumas	Novela	192, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202	16, 21, 23, 26, 28, 30 jun. e 3, 5, 7 e 10 jul. 1838.
Apêndice: As histórias de Estevam: ser ou parecer (incompleto)	Anônimo (?), último capítulo não digitalizado	Conto? Novela? Romance? Traduzido? Imitado?	203, 204, 206, 209, 210, 212(?)	12, 14, 19, 26, 28 jul. e 2 ago. (?) 1838
Apêndice: Espanhola e Francesa	Mme Ch. Reybaud (Fanny	Romance?	213, 215, 216, 217, 218	4, 9, 11, 14 e 16 ago. 1838

	Reybeau)			
Apêndice: O quarto de amiga	Anônimo (?), nem o começo, nem o final foram digitalizados	Conto? Novela? Traduzido? Imitado?	221	23 de ago. 1838
Apêndice: Costumes Húngaros: Speranski	Início não digitalizado. Anônimo. Extraído da “Foreign Quarterly Review” e da “Revue Britannique”	Conto	225, 226, 227, 228, 229 e 230	1, 4, 6, 11, 13 e 15 set. 1838
Apêndice: Memórias do Diabo: Drama histórico	Frédéric Soulié	Romance (trechos)	231, 232, 233, 234, 235, 236 e 238	18, 20, 22, 25, 27, 29 set. e 4 out. 1838
Apêndice: Aventura em um baile mascarado	Achille Gallet	Conto	239 e 240	6 e 9 out. 1838
Apêndice: A bolsa azul	Eugénie Foa	Conto, extraído do <i>Journal des enfants</i>	241 e 242	11 e 13 out. 1838
Apêndice: Os diamantes da rainha	A.A.	Novela?	245, 246, 247, 248, 252 e 253	20, 23, 25, 27 out. e 6, 8 nov. 1838
Apêndice: Uma cena de um	L.Roux	Conto	256	17 nov. 1838

homem errante				
Apêndice: O homem de recursos, ou o noivado na roça	Anônimo	Conto	261, 263, 264 e 266	29 nov. e 4, 6, 13 dez. 1838
Apêndice: As duas amigas	Anônimo	Mistura de crônica e conto	270	22 dez. 1838
Apêndice: Alcides Jollivet, o inglês e Catharina	Alexandre Dumas	Narrativa de viagem (En Suisse: Zurich)	274, 275 e 276	5, 8 e 10 jan. 1839
Apêndice: O novo Cagliostro	Pier-Angelo Fiorentino	Conto	278 e 279	15 e 17 jan. 1839
Apêndice: Tragédia cômica	Frédéric Soulié	Conto	280, 281, 282	19, 22 e 24 jan. 1839
Apêndice: O fundo da alma	Anaïs Segalas (Anne Caroline Ménard)	Conto	285, 286 e 287	31 jan. e 5, 7 fev. 1839
Apêndice: O acalentar da neta	Anônimo	Poesia, extraída do <i>Panorama</i>	288	9 fev. 1839
Apêndice: O especulador	Anônimo	Conto, extraído da <i>Revista Brittanica</i> , que o publicou a partir do <i>The humorist</i>	290	14 fev. 1839
Apêndice: O sapateiro de Sevilha	Benedito G.	Conto	291	16 fev. 1839
Apêndice: Um aventureiro marítimo: no reinado de Philippe II	Joly	Conto	292, 294	19 e 23 fev. 1839

Apêndice: A noiva de Irlanda	Ch. Lautour-Mézeray	Conto	295 e 296	26 e 28 fev. 1839
Apêndice: O incoveniente de ser enforcado: ao senhor diretor	Anônimo	Conto retirado do Lama's essais, reproduzido pelo Echo Britannico	297 e 298	2 e 5 mar. 1839

É importante, no entanto, destacar e resumir os dados mais importantes.

Sobre a presença dos textos literários em *O Cronista* a partir da criação da seção folhetim mais tradicional, no dia 5 de outubro de 1836, podemos afirmar, com base nas informações apuradas, que: sessenta e cinco narrativas foram publicadas em um pouco menos de 3 anos, um pouco menos da metade, vinte e oito, completamente anônimas, vinte de autores estrangeiros, em sua esmagadora maioria franceses com dezoito narrativas dentre essas vinte publicadas, e dezessete contos brasileiros, muito mais do que esperava quando comecei essa pesquisa.

Destes dezessete textos, desseis foram escritos pelos principais jornalistas do *Cronista*: Josino do Nascimento Silva, Justiniano José da Rocha e Firmino Rodrigues da Silva. Dentre os nove textos destes jornalistas citados e publicados por Barbosa Lima Sobrinho em *Os precursores do conto no Brasil*, sete foram lançados neste periódico.

Além disso, gostaria de ressaltar dois pontos interessantes dentro dessa recolha de dados: o primeiro deles diz respeito aos textos de escritores franceses que foram identificados. Ao lado de autores consagrados como Alexandre Dumas, Charles Nodier, Frédéric Soulié, aparecem três escritoras: Eugénie Foa, com 3 narrativas (dentre todos os franceses, foi ela a que publicou mais textos); Mme. Ch. Reybaud (Fanny Reybeau) e Anaïs Segalas (Anne Caroline Meynard). O segundo ponto a se destacar é a publicação de *Cherubino e Celestini*, novela de Alexandre Dumas, nas páginas do *Cronista*. O texto original data de 1836 e foi publicado primeiramente em volume junto com outras novelas e contos, com o título de *Souvenir d'Antony*. Em 1864, essa mesma novela é republicada em *Le Petit Journal*, nos meses de maio e junho, como um romance-folhetim de Alexandre Dumas.

Para finalizar meu artigo, aponto para futuras pesquisas que poderão ser desenvolvidas ainda a respeito da importância do periódico *O Cronista* na divulgação de textos literários. Uma delas diz respeito à relação deste jornal e de seus redatores com a folha especificamente literária *Gabinete de Leitura*, que circula também no Rio de Janeiro de 13 de agosto de 1837 a 8 de abril de 1838, tema também rapidamente abordado por Maria

Angélica Lau Pereira Soares em sua tese *A presença britânica no Gabinete de Leitura (1837-1838)*. Outra questão a averiguar concerne à relação do *Cronista* com a livraria de Eduard Laemmert, principal anunciante do periódico e responsável também pela venda de assinaturas tanto de *O Cronista* quanto do *Gabinete de Leitura*.

Espero, com este estudo, ter contribuído para conhecer um pouco mais do periódico *O Cronista* e de sua importância na introdução e na maior divulgação de textos literários na primeira metade do século XIX na imprensa, de modo a demonstrar o início de um movimento que se espalhará e se consolidará nos periódicos presentes não só no Rio de Janeiro, mas em todo Brasil.

REFERÊNCIAS

BACOT, Jean-Pierre. Panorama de la presse illustrée du XIX^e siècle. In: KALIFA, Dominique et al. *La civilisation du journal: Histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIX^e siècle*. Paris: Nouveau Monde éditions, 2011. p. 445-51.

HIGA, Mário. Apresentação. In: HIGA, Mário (ed.). *Antologia de contos românticos*. São Paulo: Lazuli, 2012. p. 7-21.

INTRODUÇÃO à Luva Misteriosa, conto fantástico. *O Cronista*, Rio de Janeiro, 20 jun. 1836. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/702811/per702811_1836_00006.pdf. Acesso em: 26 fev. 2025.

LUVA Misteriosa, conto fantásatico. *O Cronista*, Rio de Janeiro, 20 jun. 1836. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/702811/per702811_1836_00006.pdf. Acesso em: 26 fev. 2025.

MOMBERT, Sarah. La fiction. In: KALIFA, Dominique; RÉGNIER, Philippe; THÉRENTY, Marie-Ève; VAILLANT, Alain (org.). *La civilisation du journal: Histoire culturelle et littéraire de la presse française au xixe siècle*. Paris: Nouveau Monde éditions, 2011. p. 811-32.

OLIVEIRA, Sabrina Baltor de. Presença da Revista Le Musée des Familles, Lectures du Soir, no Jornal Carioca O Chronista. In: Luciana Persice Nogueira-Pretti (org.). *Literaturas Francófonas VI: debates interdisciplinares e comparatistas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2022. v. 1, p. 604-15.

LIMA SOBRINHO, Barbosa. *Os precursores do conto no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1960.

TEXTO inaugural da seção folhetim. *O Cronista*, Rio de Janeiro, 5 out. 1836.

Disponível em https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/702811/per702811_1836_00003.pdf. Acesso em 1. mar. 2025.

TEATRO. *O Cronista*, Rio de Janeiro, 20 ago. 1836. Disponível em https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/702811/per702811_1836_00016.pdf. Acesso em: 28 fev. 2025.

Recebido em 10 de fevereiro de 2025

Aprovado em 10 de agosto de 2025